

Os diálogos e a socialização de produções acadêmico-científicas, no campo da pesquisa (auto)biográfica, têm possibilitado a ampliação e a consolidação de redes locais, nacionais e internacionais, no domínio dos estudos (auto)biográficos e das narrativas no campo educacional e áreas afins. Desta forma, a *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica* tem intensificado seus objetivos, ao tempo em que busca produzir e difundir pesquisas acadêmicas e experiências de formação que dialogam com o campo teórico e metodológica que lhe é característico.

O dossiê *Percursos narrativos em educação matemática*, coordenado por Adair Mendes Nacarato da Universidade São Francisco, Cármen Lúcia Brancaglion Passos da Universidade Federal de São Carlos e Celi Espasandín Lopes da Universidade Cruzeiro do Sul/ Universidade Cidade de São Paulo, reúne um conjunto de textos, a partir de um mapeamento da produção, na última década, que têm construído diálogos e interfaces entre a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica e a produção científica em Educação Matemática, seja em contexto brasileiro ou internacional. Diferentes grupos e redes de pesquisa, nacional e internacional, vêm se debruçado sobre o trabalho no campo da pesquisa e da formação com a utilização de aportes epistemológicos e teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, o que de fato tem constituído aportes importantes para a ampliação das discussões sobre narrativas, Educação Matemática e pesquisa (auto)biográfica.

Certamente, tal interesse se deve às possibilidades de teorização de questões epistêmico-metodológicas sobre a pesquisa (auto)biográfica e as narrativas e suas relações com a Educação Matemática, além de explorar a historicidade, aspecto marcante das narrativas

e das práticas pedagógicas, bem como a compreensão de práticas sociais relativas à Educação Matemática.

As narrativas, em suas múltiplas modalidades: histórias de vida de educadores, narrativas de trajetórias profissionais, narrativas de estudantes (crianças, adolescentes ou adultos), narrativas de práticas, memoriais de formação, dentre outras, têm revelado as potencialidades destes dispositivos de pesquisa-formação, bem como suas singularidades, no âmbito da pesquisa educacional, e contribuído para as diferentes compreensões do ensinar e do aprender matemática, assim como sobre as dimensões da profissão do professor que ensina matemática.

O dossiê é constituído por 15 (quinze) textos de pesquisadores dos Estados Unidos e de diferentes regiões e instituições do país, com o objetivo de dar continuidade, ampliar o debate e divulgar modos próprios como diferentes grupos e redes de pesquisa nacional e internacional tematizam questões de pesquisa-formação sobre narrativas, (auto)biografias, práticas de formação e suas interfaces com a Educação Matemática. Os textos que integram o presente dossiê focalizam discussões teóricas e empíricas da formação do professor e/ou do formador do professor que ensina matemática e narrativas das próprias pesquisadoras, formadoras de professoras, em articulação com princípios epistêmico-metodológicos da História Oral, da pesquisa narrativa e dos estudos autobiográficos que fundamentam os trabalhos aqui publicados.

A seção *Artigos* é composta por 08 (oito) textos submetidos em fluxo contínuo por pesquisadores portugueses e brasileiros, que verticalizam questões das narrativas de si e dos outros, dando visibilidade a representantes de grupos sociais distintos, tais como intelectuais

da educação, mulheres escravizadas, uma prostituta, uma professora missionária estrangeira, crianças, estudantes do ensino médio, jovens e adultos em situação de privação de liberdade, diretor de escola, com ênfase em modos próprios como os autores se apropriam e se utilizam das dimensões da pesquisa (auto) biográfica em seus estudos.

A seção é iniciada com o texto – *Diálogo entre Paulo Freire e Walter Benjamin: inquietudes sobre a escola e a sociedade*, de Lidnei Ventura e Vitor Malaggi, que tem como objetivo colocar em diálogo ideias de Paulo Freire e Walter Benjamin, autores inquietos e críticos de seu tempo, a partir de memórias de infância ressignificadas pelo olhar dos adultos, em duas obras exemplares: *Cartas a Cristina* e *Infância em Berlim por volta de 1900*. Os autores efetuam a análise da visão desses dois pensadores sobre a educação escolar do seu tempo, que dirigem a ela duras críticas e desvelam o seu caráter conservador e autoritário.

Em *Flores de ébano: a educação em trajetórias de escravizadas e libertas*, Alexandra Lima da Silva procura analisar a especificidade da condição feminina na escravidão e a inserção da mulher escravizada e liberta no universo da cultura letrada e da educação. A partir da análise de fontes, como autobiografias, relatos de viajantes e periódicos, o trabalho sugere que instruir-se foi uma forma de luta e sobrevivência, em uma sociedade que perseguia, estigmatizava e procurava demarcar, no corpo, no gesto e na fala, a mulher escravizada.

O texto *Jovem, velha jovita: uma história de vida, uma biografia*, de Maria Elizete Guimarães Carvalho, Bruna Katherine Guimarães Carvalho e Grinaura Medeiros de Moraes, pretende compreender o percurso de vida de uma mulher especial, parte de uma pesquisa mais ampla sobre história e memória. Nesse caso em particular, trata-se da histó-

ria/biografia de uma prostituta que compôs a moldura de um tempo histórico, de forma singular. Recorreu-se a um arcabouço teórico sustentado nas discussões sobre memória, gênero e cultura local.

O artigo *A construção de si e do outro na autobiografia de uma professora missionária*, de Loyde Anne Carreiro Silva Veras e Evelyn de Almeida Orlando, analisa o livro 8:28, a autobiografia de Eva Yarwood Mills, publicada em 1976, em Lancaster, Estados Unidos. Eva Mills veio da Inglaterra para o Brasil, como uma missionária protestante, no período de 1928 a 1959, aposentando-se nos Estados Unidos, onde e quando publica seu livro. Apesar de Eva Mills ser uma professora e construir-se por meio da educação, é na relação com o grupo religioso da sua velhice, que ela se reelabora enquanto missionária e se legitima como educadora que esteve a serviço de uma missão protestante europeia-americana (auto)definida como civilizadora.

Em seguida, Maria Flor Dias e Carla Pires Antunes, no artigo “*Eu ia de cabeçudinho*”: *diálogos entre Educação Artística e Educação Patrimonial*, interrogam o olhar da criança e a influência das mídias no entretecer do seu imaginário. Procuram sensibilizar os futuros educadores para o direito da criança se implicar como ator nas dinâmicas patrimoniais, explorando a contribuição da educação artística na abordagem à educação patrimonial. Gigantones e Cabeçudos constituem um conjunto de personagens presente em festas e romarias do norte de Portugal. O artigo retoma o tema dos Gigantones e Cabeçudos sob o *canon* da infância, numa perspectiva curricular que integra educação artística e patrimonial.

O artigo *A relação dos estudantes com os professores no Ensino Médio: narrativa e experiência*, de Lucas da Silva Martinez e Sueli Salva, versa sobre as relações com a escola, o aprender e os conhecimentos escolares de

jovens estudantes no Ensino Médio. Com base na análise realizada, enfocando o diálogo entre os jovens estudantes e professores, percebe-se que a experiência dos jovens é marcada, respectivamente, de forma positiva e negativa, através de, por um lado, relações de amizade, de aprendizagem e de dialogicidade, e, por outro lado, pelo autoritarismo, a licenciosidade e a distância estabelecida. Destaca-se a importância das pesquisas narrativas em educação considerarem a experiência dos jovens estudantes, ampliando o olhar sobre a escola.

O texto *Educação de jovens e adultos em contexto de privação de liberdade: análise de narrativas de um sujeito-educando*, de Cleia Pantoja Andrade, Alder de Sousa Dias, Eliane Leal Vasquez e Waldir Ferreira Abreu, analisa narrativas de um sujeito-educando da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola prisional, por meio de pesquisa qualitativa do tipo (auto)biográfica. Aponta-se a carência afetiva familiar, relações desumanas na educação e o convívio com duas lógicas opostas dentro do cárcere: a da escola e a dos operadores do sistema penitenciário. Sobre a vida pós-cárcere, o sujeito-educando vislumbra reconstruir sua vida e vê na educação escolar um dos meios para esse fim. Conclui-se afirmando que a educação em espaço de privação de liberdade deve considerar a materialidade dos seus sujeitos-educandos, tendo em vista a humanização.

O último artigo da seção, *A formação do diretor e a escola pública: uma narrativa autobiográfica*, de João Ferreira Filho e Yoshie Ussami Ferrari Leite, apresenta a síntese da trajetória de vida-formação de um dos autores, para refletir e tentar entender como um diretor de escola se forma e como esta construção está marcada por propósitos de trabalho democráticos. O artigo está dividido em dois grandes momentos, no primeiro, o autor efetua um breve e compacto resumo das suas convicções acadêmicas, nas quais se baseou para pensar a educação e, no segundo, reflete sobre a sua autobiografia, em um misto de síntese e releitura de sua construção como diretor de escola.

Como é possível perceber pela análise da diversidade de artigos presentes neste número da Revista, as histórias de vida humanizam os esquemas teóricos e historiográficos de compreensão da realidade. Permitem o encontro das singularidades, revisões de certezas, inspiração e descoberta de divergências e convergências de sentidos, que levam à abertura de novas frentes de investigação e alternativas metodológicas relativas à formação de professores.

Salvador, São Paulo, outono de 2019

Elizeu Clementino de Souza
Dislane Zerbinatti Moraes
Comissão Editorial